

Proceeding Series of the Brazilian Society of Computational and Applied Mathematics

Visão estereotipada da Matemática

Ana Carolina Davoli¹

Departamento de Matemática, Instituto de Ciências Exatas, UNIFAL-MG, Alfenas, MG

Marina Macedo Ferreira²

Departamento de Matemática, Instituto de Ciências Exatas, UNIFAL-MG

Angela Leite Moreno³

Departamento de Matemática, Instituto de Ciências Exatas, UNIFAL-MG

É perceptível que a Matemática não possui uma boa reputação quando comparada a outras disciplinas escolares, muitas vezes é vista como difícil, trabalhosa e supérflua. Assim este trabalho pretende discutir sobre alguns fatores que contribuam para tais concepções, com intuito de evidenciar a importância social e epistemológica da Matemática, trazendo reflexões e interpretando as consequências geradas no processo de ensino-aprendizagem.

A motivação para se discutir sobre a reputação da Matemática surgiu após a ineficácia de aulas lúdicas numa intervenção nas aulas de Matemática de duas turmas de sextos anos, em uma escola da rede pública de Alfenas, parceira do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). Nesta intervenção foi notório a falta de interesse em massa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, mesmo com o uso de metodologias alternativas. Em busca de compreender os fatores que contribuem para tal rejeição, buscou-se na literatura alguns dos fatores que contribuem para isto.

Durante esta busca, verificou-se que o estudo de Matemática não surge por acaso, mas sim a partir das necessidades do ser humano de explorar o universo e entender sua existência, como exemplo temos a Escola Pitagórica, que surgiu no período pré-socrático a fim de entender o mundo através dos números e da filosofia [3]. Ainda segundo o autor, o ingresso na escola Pitagórica era árduo, os candidatos passavam por provas de resistência, sendo que uma das etapas de seleção incluía passar a noite em uma caverna onde fazia-se crer que havia aparições de monstros. Dentre os candidatos, aqueles que não conseguissem encarar a solidão e o medo, eram chacoteados publicamente, sendo assim eliminados por serem julgados como incapazes. Os métodos avaliativos iam muito além disso, sendo compostos por diversas etapas que sempre envolviam algum tipo de gozação ou exclusão social.

Podemos fazer uma analogia dos métodos Pitagóricos de avaliação com o que encontramos nas escolas atualmente, que para prosseguir com os estudos os alunos devem passar por avaliações que muitas vezes são falhas e injustas com suas características.

Outro fator considerável é apresentado por [1], que discute ele a personalidade do ser humano é maioritariamente construída na infância, nessa fase os seres humanos são facilmente moldáveis. O Determinismo Psíquico explica que todos os eventos mentais

¹ana.carolina.ac264@gmail.com

²marinamacedo01@gmail.com

³aleitemoreno@gmail.com

são resultantes de eventos prévios, e que somos automaticamente regulados pelo prazer. Considerando que a fase mais moldável do aluno está na transição do Ensino Infantil para o Ensino Fundamental, quando o aluno sai da ludicidade para a abstração, é nessa etapa que deve ser trabalhado pelos professores o prazer pela Matemática, procurando formas de fazer com que compreendam sua importância e sua contextualização.

De acordo com [4], o aluno de pedagogia quando questionado quanto ao seu conhecimento matemático, em grande parte das vezes cita o professor, como incapaz, não motivador, entre outras características, que justificam o porquê do discente ser tão pouco conhecedor da mesma, muitas vezes com dificuldades até mesmo nas operações mais básicas, partem para a pedagogia com intuito de “fuga” da Matemática. Também discute que grande parcela dos alunos de pedagogia deixam as poucas disciplinas voltadas para a Matemática de lado, colocando o foco apenas no letramento e alfabetização, deste modo se tornam professores polivalentes incapazes de utilizar metodologias de ensino de Matemática diversificadas, acarretando um certo estranhamento dos alunos pela Matemática.

Os problemas desencadeados neste processo começam a ser fortemente identificados no sexto ano do Ensino Fundamental II, quando geralmente se dá o primeiro contato com o professor especialista quando este aluno tem um contato com a matemática um pouco mais abstrata, o que leva o aluno a um certo estranhamento. Isso foi identificado nas observações realizadas e durante a aplicação de jogos em sala de aula, com os alunos se recusando a participar do processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma se o aluno for estimulado desde a Educação Infantil, com introdução de aplicações cotidianas a Matemática pode se mostrar mais prazerosa. Segundo a pesquisa de [2], existe a possibilidade de jogo ser ferramenta motivadora, assim melhorando as suas relações com colegas, conteúdo e professores, e essa etapa inicial será responsável pelo gosto da descoberta Matemática pelo resto de sua vida escolar.

Quando os alunos tiverem que encarar a Matemática em diferentes contextos do habitual, vão ter o interesse despertado implicitamente, pois o gosto matemático já foi desenvolvido e pré-concebido anteriormente. Considerando todas as concepções, se a criança passar a ter prazer pela Matemática, mais facilmente aceitará sua abstração futura, fazendo assim com que a mesma seja aos poucos desmitificada perante aos alunos.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES/ PIBIB, à FAPEMIG e à UNIFAL-MG.

Referências

- [1] S. Freud. *Obras Completas*. Imago, Rio de Janeiro, 1969.
- [2] R.C. Grandio O conhecimento matemático e o uso de jogos na sala de aula. 2000. 224f. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2000.
- [3] É. Schuré. *Os Grandes Iniciados: Pitágoras*. Martin Claret Ed., São Paulo, 1996.
- [4] da C. R. Silva, S. L. M. Alves, I. F. D. Miranda. Professores que vão ensinar matemática nos anos iniciais: educação matemática nos cursos de pedagogia. *Revemat*, 8(1):266-283, 2013.